

Jonathan

Edwards



A Eternidade
dos Tormentos
do Inferno



Jonathan Edwards

**A Eternidade dos
Tormentos do Inferno**



Missões para a Glória de Deus...

A Eternidade dos Tormentos do Inferno.
Traduzido do original em inglês
The Eternity of Hell's Torments
Jonathan Edwards © Domínio Público

Original disponível em:
www.APURITANSMIND.com

Tradução e Produção:
www.FirelandMissions.com

Primeira edição: Setembro de 2013.

Salvo indicação em contrário, as citações escriturísticas são extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional ®, NVI ®. Copyright © 1993, 2000 by *Biblica, Inc* ®. (Disponível em YouVersion.com). Usadas com permissão.

Todos os direitos desta publicação estão disponíveis sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported License e pertencem ao site FirelandMissions.com. Você é livre para copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que o crédito seja atribuído ao(s) seu(s) autor(es) - mas não de maneira que sugira que este(s) concede(m) qualquer aval a você ou ao seu uso da obra. Você não pode utilizar esta obra para finalidades comerciais, nem alterar seu conteúdo, transforma-lo ou incrementa-lo.

A Eternidade dos Tormentos do Inferno

Pregado por Jonathan Edwards

Em abril de 1739.

"Estes irão para o castigo eterno" - Mt 25:46.

Neste capítulo temos a mais singular descrição do dia do juízo de toda a Bíblia. Aqui Cristo declara que, futuramente, quando Ele se assentar no trono de Sua glória, o justo e o ímpio serão postos perante Ele e separados uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos bodes (cf. *Mt 25:31-32*). Em seguida temos um relato de como ambos serão julgados segundo as suas obras: como as boas obras de um e as más obras de outro serão repassadas, e como a sentença será anunciada de acordo com elas. Somos informados de qual será a sentença de cada um, e então temos uma descrição da execução da sentença de ambos. Nas palavras do texto está o relato da execução da sentença do imoral ou ímpio, e concernente a esta, tenho por objetivo observar duas coisas.

Primeiro, a duração do castigo no qual é dito que eles entrarão: este é chamado castigo eterno.

Segundo, o momento da entrada deles neste castigo eterno. A saber, após o dia do julgamento, quando todas as coisas que são passageiras tiverem chegado ao fim, e até mesmo aquelas que são as mais duradouras - a estrutura do próprio mundo, a terra da qual é dito que permanecerá para sempre, as antigas montanhas e eternas colinas, o sol, a lua e as estrelas. Quando os céus envelhecerem como um vestido e como roupas forem trocados (cf. *Sl 102:25-26*), aí será o momento em que o perverso entrará em seu castigo.

Doutrina: O Tormento dos Ímpios no Inferno Será Absolutamente Eterno.

Há dois conceitos contra os quais eu pretendo me posicionar com esta doutrina. Um deles é que a morte eterna com a qual os ímpios são ameaçados na Bíblia não significa nada mais do que a aniquilação eterna: que Deus punirá a maldade deles através da abolição eterna de seu ser.

O outro conceito contra o qual pretendo me posicionar é que, embora o castigo dos ímpios consista no justo tormento, ele não será absolutamente eterno, mas apenas por um grande período de tempo.

Portanto, a fim de estabelecer a doutrina em oposição a esses conceitos distintos, eu me comprometeri a mostrar que:

- I.** Não é contrário às perfeições divinas punir os ímpios com um castigo que é absolutamente eterno;
- II.** A morte eterna com a qual Deus ameaça o ímpio não é a aniquilação, mas uma justa e permanente punição ou tormento;
- III.** Este tormento não continuará somente por um grande período de tempo, mas será absolutamente sem fim;
- IV.** Diversos fins excelentes serão obtidos por meio do castigo eterno dos ímpios.

I. Não é Contrário às Perfeições Divinas Punir os Ímpios Com Um Castigo Que é Absolutamente Eterno.

Esta é a soma das objeções que geralmente são feitas contra esta doutrina: ela é inconsistente com a justiça e, especialmente, com a misericórdia de Deus. E alguns dizem que se ela for terminantemente justa, ainda assim, como podemos supor que um Deus misericordioso pode eternamente suportar o tormento de suas criaturas?

Primeiro, irei mostrar rapidamente que não é incompatível com a justiça de Deus infligir um castigo eterno. Para evidenciar isso, vou usar apenas um argumento: o pecado é abominável o suficiente para merecer tal punição, e tal punição não é nada mais do que proporcional ao mal ou a culpa pelo pecado. Se o mal do pecado for infinito, como a punição o é, então é evidente que a punição não é mais do que proporcional ao pecado punido, e não é nada mais do que o que o pecado merece. E se a obrigação de amar, honrar e obedecer a Deus for infinita, então o pecado, que é a violação dessa obrigação, é a violação de uma obrigação infinita, e portanto é um mal infinito. Novamente, se Deus for infinitamente digno de amor, honra e obediência, então nossa obrigação de amar, honrar e obedecer-Lhe é infinitamente grande - de modo que, Deus *sendo* infinitamente glorioso ou infinitamente digno de nosso amor, honra e obediência, a nossa obrigação de amar, honrar e obedecer-Lhe (e assim evitar todo o pecado) é infinitamente grande. Novamente, sendo a nossa obrigação amar, honrar e obedecer a Deus infinitamente grande, o pecado é a violação de uma obrigação infinita, e assim é um mal infinito. E mais uma vez, sendo o pecado um mal infinito, ele merece um castigo infinito. Um castigo infinito não é nada mais do que o que ele merece. Portanto tal punição é justa; que era o que deveria ser provado. Não há como fugir da força deste raciocínio, a não ser negando que Deus, o soberano do universo, é infinitamente glorioso, o que eu presumo que nenhum de meus ouvintes vai se aventurar a fazer.

Segundo, mostrarei que não é incompatível com a misericórdia de Deus punir os ímpios com um castigo eterno. É uma noção irracional e anti-bíblica da misericórdia de Deus, que Ele é misericordioso a tal ponto que não pode suportar que a justiça penal seja executada. Isto é imaginar a misericórdia de Deus como uma paixão da qual sua natureza está tão sujeita que Deus é passível de ser mudado, afetado, e subjugado ao ver uma criatura no tormento, de modo que Ele não pode suportar ver a justiça sendo executada: o que é uma noção extremamente indigna e absurda da misericórdia de Deus; e que provaria, se fosse verdade, uma grande fraqueza - seria um grande defeito, e não uma perfeição, no soberano e supremo Juiz do mundo, ser misericordioso a tal ponto de não poder suportar ter a justiça penal executada. Esta é

uma noção anti-bíblica da misericórdia de Deus. As Escrituras em toda a parte expõem a misericórdia de Deus como sendo livre e soberana; e não que a prática dela seja tão necessária a ponto de Deus não poder suportar que a justiça seja feita. As Escrituras abundantemente falam dela como sendo a glória do atributo divino da misericórdia, que ela é livre e soberana em suas práticas; e não que Deus não pode fazer nada a não ser libertar os pecadores do tormento. Esta é uma noção extremamente indigna e medíocre da misericórdia divina.

É mais absurdo ainda, porque é contrária à realidade natural. Pois, se há algum sentido na objeção, é presumível nisto, que todo o tormento da criatura - seja justo ou injusto - é em si mesmo contrário à natureza de Deus. Pois, se a Sua misericórdia for de natureza tal, que um grande grau de tormento - apesar de justo - é contrário à sua natureza; então basta aumentar a misericórdia. E em seguida, um grau menor de tormento é contrário à sua natureza - bastando aumentar novamente a misericórdia -, e um grau ainda menor de tormento, continua contrário à sua natureza. Portanto, se a misericórdia de Deus é infinita, qualquer tormento é contrário à sua natureza, o que vemos ser contrário à realidade. Pois vemos que Deus, em sua providência, de fato, inflige grandíssimas aflições sobre a humanidade, mesmo nesta vida.

Entretanto, fortes objeções desse tipo. contra o tormento eterno dos ímpios, podem parecer aos carnis - homens de coração insensato - como se o tormento fosse contrário a justiça e misericórdia de Deus; todavia a sua força aparente surge de uma falta de senso do mal infinito, da odiosidade e da provocação que há no pecado. Por isso, parece-nos não ser adequado que qualquer pobre criatura seja objeto de tanto tormento, porque não temos nenhum senso de algo que é abominável e provocante em qualquer criatura responsável por isso. Se tivéssemos, então esta aflição infinita não pareceria inadequada. Pois uma coisa apenas pareceria correspondente e proporcional a outra, e assim a mente descansaria nisto como sendo justo e apropriado, e nada mais do que é próprio de ser ordenado pelo justo, santo e bom Governador do mundo.

Podemos ser convencidos disso por esta consideração, quando ouvimos ou lemos alguns casos horrendos de crueldade, pode ser de alguma pobre criança inocente ou algum santo mártir - seus cruéis perseguidores, não tendo nenhuma consideração por seus gritos e choros, apenas se divertindo com o tormento deles, e não tendo misericórdia nem mesmo para pôr um fim às suas vidas - nós temos uma compreensão do mal deles, e isso nos marca profundamente. Por isso parece justo - em todos os sentidos, adequado e apropriado - que Deus inflija um castigo terrível sobre as pessoas que tenham cometido tal perversidade. Não parece discordar em nada da perfeição do Juiz do mundo. Podemos pensar nisso sem nos chocarmos completamente. A razão é porque temos um senso do mal da conduta deles, e um senso da relação que existe entre o mal ou culpa, e a punição.

Da mesma forma, se víssemos a relação entre o mal do pecado e o castigo eterno, ou seja, se víssemos algo nos homens maus que pareceria tão odioso para nós quanto o tormento eterno nos parece terrível - algo que nos instigaria tanta indignação e repulsa, quanto o tormento eterno nos aterroriza - todas as objeções contra esta doutrina desapareceriam de uma só vez. Embora agora pareça inconcebível, e quando ouvimos falar do tamanho do grau e da duração dos tormentos como é manifestado nesta doutrina, e pensamos o que é a eternidade, parece impossível que tais tormentos devam ser infligidos à pobres e débeis criaturas por um Criador que tem infinita misericórdia. No entanto, isto origina-se, principalmente, destas duas causas:

1. Esta doutrina é tão contrária às inclinações depravadas da humanidade, que os homens odeiam acreditar nela e não conseguem suportar que isso seja verdade.
2. Eles não veem o castigo eterno como apropriado por causa do mal do pecado. Eles não veem que o castigo eterno não é nada mais do que proporcional à culpa do pecado.

Tendo assim demonstrado que o castigo eterno dos ímpios não é inconsistente com as perfeições divinas, vou agora prosseguir mostrando o quão distante isto está de ser inconsistente com as perfeições divinas e que estas perfeições evidentemente exigem o mesmo, ou seja, elas exigem que o pecado receba tão grande castigo, ou na pessoa que tenha cometido ou no fiador. E, portanto, com relação aos que não creem no Fiador (cf. *Hb 7:22, 25; Cl 2:13-14*), e não têm interesse n'Ele, as perfeições divinas requerem que esta punição seja infligida neles.

Não apenas parece que não é inadequado que o pecado seja punido desta maneira, mas é terminantemente adequado, aceitável e próprio. Se assim parecer, que é terminantemente adequado que o pecado seja punido desta maneira, então se seguirá que as perfeições de Deus exigem o mesmo. Pois certamente as perfeições de Deus requerem que aquilo é adequado seja realizado. A perfeição e excelência de Deus exigem que aconteça aquilo que é perfeito, excelente e bom em sua própria natureza. Mas com respeito ao pecado ter de ser castigado eternamente, é algo que aparece nas seguintes considerações:

1. É apropriado que Deus odeie infinitamente o pecado, e seja um eterno inimigo dele. O pecado, assim como demonstrei anteriormente, é um mal infinito, e portanto, é infinitamente odioso e detestável. É apropriado que Deus odeie todo o mal e que o odeie de acordo com sua natureza odiosa e detestável. E uma vez que o pecado é infinitamente mau e odioso, é apropriado que Deus o odeie infinitamente.
2. Se o ódio infinito ao pecado for adequado ao caráter divino, logo as expressões de tal ódio também são adequados a este personagem. Pois aquilo que é adequado

de ser, é adequado de ser expressado. Aquilo que é belo em si mesmo, é belo quando demonstrado. Se for adequado que Deus é um eterno inimigo do pecado, ou que Ele o odeie infinitamente, então é adequado que Ele haja como tal inimigo. Se for adequado que Ele odeie e tenha inimizade contra o pecado, então é adequado que Ele expresse este ódio e inimizade àqueles a quem o ódio e a inimizade por sua própria natureza tendem. Mas, certamente, o ódio em sua própria natureza tende a oposição, a se opor contra aquilo que é odiado e a procurar o seu mal, e não o seu bem, e isto de acordo com o ódio. Grande ódio tende naturalmente para um grande mal, e infinito ódio ao infinito mal de seu alvo.

Por isso se sucede que, se é adequado que deve haver em Deus um infinito ódio ao pecado, como eu mostrei que é, é adequado que Ele execute um castigo infinito sobre ele. E portanto, a perfeição de Deus exige que Ele puna o pecado com um infinito, ou o que é a mesma coisa, com um eterno castigo.

Assim, vemos não somente a grande objeção contra esta doutrina respondida, mas a verdade da doutrina estabelecida por meio da razão. Eu agora prossigo a fim de estabelecê-la, considerando os demais elementos sob a doutrina.

II. A Morte Eterna Com a Qual Deus Ameaça o Ímpio Não é a Aniquilação, Mas Uma Justa e Permanente Punição ou Tormento.

A verdade desta proposição será demonstrada pelas seguintes características:

Primeiro, a Escritura em toda a parte retrata o castigo dos ímpios como algo que implica dores e sofrimentos extremos. Mas um estado de aniquilação não é um estado de sofrimento. Pessoas aniquiladas não têm nenhum senso ou sentimento de dor ou prazer, e muito menos podem sentir esta punição que carrega em si mesma uma extrema dor ou sofrimento. Eles não sofrem nada mais na eternidade do que já sofreram da eternidade.

Segundo, está de acordo tanto com a Escritura quanto com a razão, supor que os ímpios serão punidos de tal forma que estarão conscientes da punição que estão sofrendo: que eles estarão cientes que naquela circunstância Deus executou e cumpriu o que havia ameaçado; ameaça a qual eles desconsideraram e não acreditaram. Eles saberão que a justiça veio sobre eles, que Deus estará reivindicando aquela autoridade a qual eles desprezaram, e que Deus não é um ser tão desprezível quanto eles pensavam que fosse. Enquanto estiverem sob a punição ameaçada, eles estarão conscientes do porquê estão sendo punidos. É sensato que eles estejam conscientes de sua própria culpa, lembrem de suas antigas oportunidades e obrigações, e vejam a sua própria loucura e a justiça de Deus. Se a punição ameaçada for a aniquilação eterna, eles nunca saberão que isto é infligido. Eles nunca saberão que Deus é justo em puni-los, ou que eles são merecedores do mesmo. Como pode isto estar de acordo com as Escrituras, em que Deus ameaça, que Ele retribuirá o ímpio diretamente - *Dt 7:10*; com *Jó 21:19-20*: "*Deus reserva o castigo para ele, e ele o saberá. Que os seus próprios olhos vejam a sua ruína; que ele mesmo beba da ira do Todo-poderoso!*"¹; e com *Ezequiel 22:21-22*: "*Eu [Deus] os ajuntarei e soprarei sobre vocês a minha ira impetuosa, e vocês se derreterão. Assim como a prata se derrete numa fornalha, também vocês se derreterão dentro dela, e vocês saberão que eu, o Senhor, derramei a minha ira sobre vocês*"? E como pode isto estar de acordo com aquela expressão tantas vezes anexada as ameaças da ira de Deus contra os ímpios: "*E vós sabereis que eu sou o Senhor*" ? (cf. *Ez 7:14*)

Terceiro, a Escritura ensina que os ímpios sofrerão diferentes graus de tormento, de acordo com os diferentes agravos de seus pecados. "*Mas Eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que*

¹ Tradução livre.

disser a seu irmão: 'Racá', será levado ao tribunal. E qualquer que disser: 'Louco!', corre o risco de ir para o fogo do inferno" - Mt 5:22. Aqui Cristo nos ensina que o tormento dos ímpios será distinto para cada pessoa, de acordo com o diferente grau de sua culpa. Haverá mais tolerância para Sodoma e Gomorra, para Tiro e Sidom do que para as cidades onde a maioria dos milagres de Cristo foram realizados (cf. *Mt 11:21-24*). Novamente, nosso Senhor nos assegura que: "*Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites. Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites" - Lc 12:47-48.* Essas várias passagens da Escritura infalivelmente provam que haverá diferentes graus de punição no inferno, o que é totalmente inconsistente com a suposição de que a punição consiste na aniquilação, no qual não pode haver graus.

Quarto, a Escritura é muito clara e rica neste assunto: que o castigo eterno dos ímpios consistirá no sofrimento e tormento consciente, e não na aniquilação. O que se diz sobre Judas é digno de ser observado aqui: "*Melhor lhe seria não haver nascido" - Mt 26:24.* Isso parece claramente nos ensinar, que o castigo dos ímpios é tal que a sua existência, como um todo, é pior do que a não existência. Mas se a sua punição consiste meramente na aniquilação, isso não é verdade! É dito que os ímpios, em seu castigo, lamentarão, chorarão e rangerão seus dentes - o que não implica apenas na existência real, mas em vida, conhecimento e atividade - e que eles são, de uma maneira muito consciente e intensa, afetados por sua punição - *Is 33:14.* Pecadores no estado de sua punição são retratados como seres habitando com chamas eternas. Mas se eles são apenas transformados em nada, onde é a base para esta retratação? É absurdo dizer que os pecadores habitarão com a aniquilação, pois não há habitação neste caso. Também é absurdo chamar a aniquilação de fornalha ardente, o que implica em um estado de existência, sensibilidade e dor extrema: enquanto na aniquilação não há nem um nem outro.

É dito que eles serão lançados no lago de fogo e enxofre. Como pode esta expressão, com alguma propriedade, ser entendida como um estado de aniquilação? Sim, eles são expressamente avisados que não terão descanso nem de dia nem de noite, mas serão atormentados com fogo e enxofre, para todo o sempre - *Ap 20:10.* Mas, aniquilação é um estado de descanso, um estado em que nem mesmo o menor tormento pode, possivelmente, ser experimentado. O homem rico no inferno, ergueu os olhos de onde estava sendo atormentado, e viu ao longe Abraão, e Lázaro em seu seio, e entrou em uma conversa particular com Abraão: tudo o que prova que ele não foi aniquilado (cf. *Lc 16:19-31*).

Os espíritos dos homens ímpios antes da ressurreição não estão em um estado de aniquilação, mas em um estado de tormento. Eles são espíritos em prisão, como diz o apóstolo sobre os que se afogaram no dilúvio - *1Pe 3:19.* E isso aparece bem nitidamente no exemplo do homem rico, mencionado anteriormente, se

considerarmos ele como o representante do ímpio em seu estado intermediário entre a morte e a ressurreição. Mas se os ímpios, mesmo ali, estão em um estado de tormento, muito mais estarão, quando sofrerem aquilo que é a punição adequada pelos seus pecados.

A aniquilação não é uma desgraça tão grande assim, de forma que alguns a preferiram a um estado de sofrimento até mesmo nesta vida. Este foi o caso de Jó, um homem justo. Mas se um homem justo pode, neste mundo, sofrer o que é pior do que a aniquilação, sem dúvida, a punição adequada dos ímpios, na qual Deus pretende manifestar Seu repúdio singular pela maldade deles, será uma desgraça muitíssimo maior e, portanto, não pode ser a aniquilação. Esta só pode ser uma declaração muito vil e desprezível da ira de Deus para com aqueles que se rebelaram contra Sua coroa e dignidade - quebraram as suas leis, e desprezaram tanto a Sua vingança quanto Sua graça - o que não é uma desgraça tão grande quanto aquela que alguns de seus verdadeiros filhos têm sofrido nesta vida.

O castigo eterno dos ímpios é considerado a segunda morte - *Ap 20:14; 21:8*. É, sem dúvida, chamado a segunda morte, em alusão à morte do corpo, e como a morte do corpo é normalmente assistida com grande dor e angústia, então o mesmo, ou algo imensamente maior, está implícito em chamar o castigo eterno do ímpio a segunda morte. Não haveria propriedade alguma em chamá-lo assim, se o castigo consistisse meramente na aniquilação. E estes ímpios que morrerem pela segunda vez sofrerão, pois não poderia ser chamado a segunda morte com relação a nenhum outro ser, senão aos homens. Não se pode chamar desta maneira quando se trata dos demônios, visto que eles não morrem de morte temporal, a qual é a primeira morte. Em *Apocalipse 2:11* diz: "*Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor de modo algum sofrerá a segunda morte*"; sugerindo que todos os que não vencem os seus desejos, mas vivem no pecado, sofrerão a segunda morte.

Repetindo, os ímpios sofrerão o mesmo tipo de morte que os demônios, assim como diz no verso 41 do contexto: "*Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos*". Ora, o castigo do diabo não é a aniquilação mas o tormento. Portanto, ele treme de medo. Não por medo de ser aniquilado - ele estaria contente com isso. O que ele teme é o tormento, como aparece em *Lucas 8:28*, onde ele grita e implora a Cristo que não o atormente antes do tempo. E diz: "*O diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre*" - *Ap 20:10*.

É estranho como os homens vão diretamente contra revelações tão claras e plenas das Escrituras, a ponto de supor, mesmo diante de todas estas coisas, que a punição eterna ameaçada contra os ímpios não significa nada mais do que a aniquilação.

III. Este Tormento Não Continuará Somente Por Um Grande Período de Tempo, Mas Será Absolutamente Sem Fim.

Uma vez que a punição do ímpio consiste em um justo tormento, logo, este tormento não continuará somente por um grande período de tempo, mas será absolutamente sem fim.

Há dois grupos distintos que têm sustentado que os tormentos do inferno não são absolutamente eternos. Alguns supõem que nas ameaças do castigo eterno, os termos utilizados não necessariamente implicam uma eternidade propriamente dita, mas apenas um grande período de tempo. Outros supõem que, se de fato implica em uma eternidade propriamente dita, ainda assim não podemos necessariamente concluir daí, que Deus vai cumprir suas ameaças. Por isso irei:

Primeiro, mostrar que as ameaças do castigo eterno de fato, clara e plenamente, implicam em uma absoluta eternidade propriamente dita, e não apenas um longo período de tempo. Isso é demonstrado:

1. Porque, quando a Escritura fala dos ímpios sendo condenados a uma punição, no momento em que todas as coisas temporais chegarem a um fim, ela fala deste castigo como sendo eterno, assim como no texto e em outras passagens. É verdade que o termo "*para sempre*" nem sempre é utilizado na Escritura significando eternidade. Às vezes, significa: "*enquanto o homem vive*" - *Rm 7:1*. Nesse sentido, é dito que o servo hebreu que escolhesse permanecer com seu mestre, deveria ter sua orelha furada e servir o seu senhor para sempre (cf. *Ex 21:5-6*). Às vezes significa: "*durante a continuação do estado e da igreja dos judeus*". Nesse sentido, várias leis, que eram particulares àquela igreja e que só deveriam permanecer em vigor enquanto a igreja durasse, são chamados estatutos perpétuos - ver *Ex 27:21; 28:43*; etc. Às vezes, significa: "*enquanto o mundo existir*". Assim como em *Eclesiastes 1:4*: "*Gerações vêm e gerações vão, mas a terra permanece para sempre*".

E este último, é a maior duração temporal para a qual o termo já fora utilizado com este significado. Pois a duração do mundo, é a mais longa das coisas temporais, assim como o seu princípio foi o primeiro. Portanto, quando a Escritura fala de coisas que existiam antes da fundação do mundo, isso significa que elas existiam antes do início do tempo. Então, essas coisas que continuam a existir depois do fim do mundo, são coisas eternas. Quando o céu e a terra forem abalados e removidos, aquilo que permanecer será o que não pode ser abalado e que permanecerá para sempre - *Hb 12:26-27*.

Mas o castigo dos ímpios, não só permanecerá após o fim do mundo, mas é chamado de eterno, como no texto: "*E estes irão para o castigo eterno*". Assim como em *2 Tessalonicenses 1:9-10*: "*Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. Isso acontecerá no dia em que ele vier para ser glorificado em seus santos*", etc. Agora, o que pode se compreender por algo ser eterno, depois que todas as coisas temporais chegarem a um fim, é que este é absolutamente sem fim!

2. Tais expressões que são utilizadas para estabelecer o período de duração do castigo dos ímpios, jamais são usados nas Escrituras do Novo Testamento para significar qualquer outra coisa a não ser a eternidade propriamente dita. Diz-se, não somente que o castigo será para sempre, mas para *todo o sempre*. "*A fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre*" - *Ap 14:11*. "*Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre*" - *Ap 20:10*. Sem dúvida, o Novo Testamento tem certa expressão que significa a eternidade propriamente dita, a qual tem sido frequentemente ocasião para discussão. Mas não há maior expressão do que essa: se essa expressão não significa uma eternidade absoluta, não há nenhuma outra que signifique.

3. A Escritura usa o mesmo modo de falar para expor a eternidade de tormento e a eternidade de felicidade, sim, a eternidade de Deus. "*E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna*" - *Mt 25:46*. As palavras *eterno* e *eterna*, no original, são as mesmas. "*E eles [os santos] reinarão para todo o sempre*" - *Ap 22:5*. A Escritura não tem uma expressão maior para significar a eternidade do próprio Deus, do que a que Ele vive para *todo o sempre*: "*Àquele que está assentado no trono e que vive para todo o sempre*" - *Ap 4:9* - também em *Apocalipse 4:10; 5:14; 10:6; 15:7*.

Novamente, a Bíblia expressa a eternidade de Deus por esta expressão: que ela existirá *para sempre*, depois que o mundo chegar ao fim. "*Eles perecerão, mas Tu permanecerás; envelhecerão como vestimentas. Como roupas Tu os trocarás e serão jogados fora. Mas Tu permaneces o mesmo, e os Teus dias jamais terão fim*" - *Sl 102:26-27*.

4. A Escritura diz que os ímpios não serão libertos até que tenham pago o último centavo de sua dívida - *Mt 5:26*. O último centavo - *Lc 12:59* - ou seja, até o último que é merecido, e toda misericórdia é excluída por esta expressão. Contudo, nós mostramos que eles merecem um infinito e interminável castigo.

5. A Escritura diz de forma absoluta que a punição deles não terá fim: "*Onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga*" - *Mc 9:44*. Ora, não faz sentido dizer que o significado é que o seu verme viverá por um grande tempo, ou que ele existirá por

um grande tempo antes que o fogo se apague. Se alguma vez chegar a hora em que o seu verme morrer, e se alguma vez houver a extinção total do fogo, então não é verdade que o seu verme não morre e que o fogo não se apaga. Pois se haverá a morte do verme e a extinção do fogo, que seja no momento que for, logo ou bem mais tarde, é igualmente contrário a tal negação: *não morre, não se apaga*.

Segundo, há outros que admitem que a expressão das ameaças de fato denotam uma eternidade propriamente dita. Mas então, eles dizem, que não se infere de certeza que o castigo será realmente eterno, pois Deus ameaça, contudo não cumpre suas ameaças. Apesar de admitirem, sem qualquer reserva, que as ameaças são terminantes e decisivas, ainda assim eles dizem que Deus não é obrigado a cumprir em um todo as ameaças terminantes, como Ele é com relação às promessas terminantes. Porque nas promessas um direito é dado, o qual a criatura a quem as promessas são feitas irá reivindicar. Mas não há nenhum perigo de que a criatura reivindique qualquer direito por uma ameaça. Por isso irei agora mostrar que o que Deus declarou terminantemente neste assunto, de fato, torna certo de que acontecerá como Ele declarou. Para este fim, vou mencionar duas coisas:

1. É evidentemente contrário à verdade divina, Deus terminantemente declarar que qualquer coisa seja verdadeira - seja no passado, presente ou por vir - se ao mesmo tempo Ele sabe que isto não é verdadeiro. Ameaçar de forma absoluta que algo acontecerá, é o mesmo que absolutamente declarar que assim será. Pois, supor que Deus de forma absoluta declara que algo acontecerá, o qual seja ao mesmo tempo sabido que não acontecerá, é blasfêmia, se existir tal coisa como blasfêmia.

De fato, é realmente verdade que não há nenhuma obrigação sobre Deus, decorrente da reivindicação da criatura, como existe nas promessas. Eles parecem considerar o caminho errado, imaginando que a necessidade da execução da ameaça surge a partir de uma obrigação posta sobre Deus, pela criatura, de executar o resultado de sua ameaça. Mas na verdade a certeza da execução surge de outra maneira, surge da obrigação que existia sobre o Deus onisciente, em ameaçar, e conformar a Sua ameaça ao que Ele sabia que seria executado no futuro. Embora, estritamente falando, Deus não seja, propriamente dito, obrigado pela criatura a executar o que ameaçou, ainda assim Ele não era, de maneira alguma, obrigado a ameaçar, se ao mesmo tempo Ele soubesse que não deveria ou não iria cumprir, pois isto não seria consistente com a Sua verdade. Portanto, na verdade de Deus há uma conexão inviolável entre as ameaças terminantes e a execução. Aqueles que supõem que Deus declarou terminantemente que Ele faria ao contrário do que sabia que iria acontecer, também supõem, que Ele absolutamente ameaçou ao contrário do que sabia ser verdade. E como pode alguém falar ao contrário do que ele sabe ser verdade - declarando, prometendo, ameaçando, ou de qualquer outra maneira - de forma consistente com a inviolável verdade? Isto é inconcebível.

As ameaças significam algo, e se elas forem feitas de forma consistente com a verdade, elas têm verdadeiros significados, ou significam a verdade daquilo que deve ser. Se as ameaças absolutas significam alguma coisa, elas significam o futuro do que foi ameaçado. Mas se o futuro do que foi ameaçado não for verdadeiro e real, então, como pode a ameaça ter um verdadeiro significado? E se Deus, nelas, fala ao contrário do que Ele sabe, e ao contrário do que Ele pretende, como pode Ele falar a verdade? Isto é inconcebível.

Ameaças absolutas são uma espécie de previsão. E embora Deus não seja definitivamente obrigado - por causa de qualquer reivindicação nossa - a cumprir as previsões - a menos que sejam da natureza das promessas - ainda assim certamente seria contrário à verdade prever que tal coisa aconteceria, a qual Ele paralelamente sabia que não aconteceria. Ameaças são declarações de algo futuro, e elas têm de ser declarações de verdades futuras se forem declarações verdadeiras. Se a questão fosse no presente, ela não seria diferente do que no futuro. É igualmente contrário à verdade, declarar ao contrário do que paralelamente se sabe ser a verdade, seja de coisas do passado, presente ou por vir: pois ambos são iguais para Deus.

Além disso, temos nas Escrituras frequentes declarações do futuro castigo eterno dos ímpios, sob a própria forma de previsões, e não na forma de ameaças. Assim como no texto: "*E estes irão para o castigo eterno*". Também, em frequentes afirmações do castigo eterno no Apocalipse, algumas das quais eu já citei. O Apocalipse é uma profecia, e é assim chamado no próprio livro. Assim também são as declarações do castigo eterno - temos declarações similares em muitos outros lugares da Escritura.

2. A doutrina daqueles que ensinam que não é certo que Deus cumprirá as ameaças absolutas, é blasfema, e é como se Deus - de acordo com a suposição deles - estivesse obrigado a fazer uso de uma falácia para governar o mundo. Eles confessam que é necessário que os homens receiem estarem sujeitos a um castigo eterno, para que assim eles sejam restringidos do pecado, e que Deus ameaçou tal castigo, com a própria finalidade de que eles acreditassem estarem expostos a este castigo. Mas que conceito indigno essa doutrina transmite sobre Deus, Seu governo, Sua majestade infinita, Sua sabedoria e auto suficiência! Além disso, eles supõem que, embora Deus tenha feito uso de tal falácia, ainda assim esta não é uma *boa* falácia, pois eles a detectaram. Embora Deus tenha planejado que os homens acreditariam nisso como certo - que os pecadores são passíveis de um castigo eterno - ainda assim eles supõem que foram tão astutos a ponto de descobrirem que o castigo não é certo. E então, que Deus não fez Seu projeto tão secreto, de modo que tais homens astutos como eles conseguiram discernir a fraude e anular o projeto, pois descobriram que não há nenhuma conexão necessária entre a ameaça do castigo eterno e a execução daquela ameaça.

Considerando essas coisas, não é de se admirar grandemente, que o Arcebispo Tillotson, que tem se destacado tanto entre os teólogos recém-formados, promoveria tal conceito como este?

Antes de concluir este assunto, pode ser apropriado para eu responder a uma ou duas objeções que podem surgir na mente de alguns.

Primeira Objeção

Pode ser dito aqui, que temos casos em que Deus não cumpriu as Suas ameaças, como a Sua ameaça a Adão, e através dele na humanidade, que eles certamente morreriam, se comessem do fruto proibido. Eu respondo: não é verdade que Deus não cumpriu essa ameaça. Ele cumpriu e cumprirá nos mínimos detalhes. Quando Deus disse: "*Certamente morrerás*" - Gn 2:17 - se considerarmos a morte espiritual, ela foi cumprida na pessoa de Adão no dia em que ele comeu. Pois imediatamente sua imagem, seu espírito santo e justiça original - a qual foi a melhor e mais elevada vida de nossos primeiros pais - foram perdidos, e eles passaram imediatamente a um estado sombrio de morte espiritual.

Se considerarmos a morte física, a ameaça também foi cumprida. Ele trouxe a morte sobre si mesmo e toda a sua posteridade, e ele virtualmente sofreu aquela morte no mesmo dia em que ele comeu. Seu corpo foi trazido a uma condição corruptível, mortal e degradativa, e assim permaneceu até que este se dissipou. Se olharmos para toda a morte que era abrangida na ameaça, ela foi, propriamente falando, cumprida em Cristo. Quando Deus disse a Adão: "*Se comeres, morrerás*"², Ele não falou somente para ele, e dele pessoalmente, mas as palavras eram com respeito a humanidade, Adão e sua descendência, e sem dúvida assim foi entendido por ele. Sua descendência deveria ser vista com o pecado dele, e portanto deveria morrer com ele (cf. Rm 5:12-19). As palavras fazem, assim como justamente permitem, a imputação tanto da morte quanto do pecado. Elas são bem consistentes tanto com a morte de um fiador, quanto com o pecado de alguém. Portanto, a ameaça é cumprida na morte de Cristo, o fiador.

Segunda Objeção

Outra objeção que pode surgir é a ameaça de Deus a Nínive. Ele ameaçou, que em quarenta dias Nínive seria destruída, o que por ora Ele não cumpriu. Eu respondo que esta ameaça não poderia justamente ser encarada de outra forma a não ser como condicional. Ela era da natureza de um aviso, e não de uma condenação absoluta. Por que Jonas foi enviado aos ninivitas, senão para dar-lhes o aviso a fim de que tivessem a oportunidade de se arrepender, reformar e evitar a destruição que

² Tradução livre.

se aproximava? Deus não tinha outro projeto ou finalidade em enviar um profeta a eles, senão que fossem advertidos e provados por Ele - da mesma maneira como Deus advertiu os israelitas, Judá e Jerusalém, antes de sua destruição. Portanto, os profetas, juntamente com suas profecias da destruição que se aproximava, faziam fervorosas exortações ao arrependimento e a reforma, a fim de que a destruição fosse evitada.

Nada mais poderia ser justamente entendido por uma real ameaça, além de que Nínive seria destruída em quarenta dias se continuasse como era. Pois foi por causa de sua maldade que aquela destruição foi prenunciada, e assim os ninivitas entenderam. Portanto, quando a causa foi removida, o efeito cessou. Era contrário à maneira habitual de Deus, neste mundo, ameaçar uma punição e destruição de forma absoluta por causa do pecado, de forma que esta viesse inevitavelmente sobre as pessoas ameaçadas, impedindo que elas se arrependessem, reformassem e fizessem o que deveriam. "*Se em algum momento eu decretar que uma nação ou um reino seja arrancado, despedaçado e arruinado, e se essa nação que eu adverti converter-se da sua perversidade, então eu me arrependerei e não trarei sobre ela a desgraça que eu tinha planejado*" - Jr 18:7-8. Portanto, todas as ameaças desta natureza tinham uma condição implícita nelas, de acordo com a forma conhecida e declarada do tratamento de Deus. E os ninivitas não tomaram isso como uma sentença absoluta de condenação: se tivessem, teriam desistido de qualquer benefício por meio do jejum e da reforma.

Mas a ameaça da ira eterna é terminante e absoluta. Não há nenhum lugar na Palavra de Deus onde podemos obter qualquer condição. A única oportunidade de escapar é neste mundo. Este é o único estado de provação, no qual temos qualquer oferta de misericórdia ou lugar para arrependimento.

IV. Diversos Fins Excelentes e Importantes Serão Obtidos Por Meio do Castigo Eterno dos Ímpios.

Primeiro, por este meio Deus vindica Sua majestade ofendida. Aonde os pecadores lançam seu desprezo e pisoteiam, Deus vindica honra e faz Sua majestade aparecer, uma vez que ela é realmente infinita, mostrando que é infinitamente terrível rejeitá-la ou ofendê-la.

Segundo, Deus glorifica a Sua justiça. A glória de Deus é o maior bem. A Sua glória é o fim principal da criação. É mais importante do que qualquer outra coisa. Mas este único caminho onde Deus glorificará a Si mesmo, como por exemplo na destruição eterna dos ímpios, Ele glorificará a Sua justiça. Ali, Ele aparecerá como o justo Governador do mundo. A justiça vingativa de Deus se mostrará terminante, precisa, temível e terrível, e portanto, gloriosa.

Terceiro, por meio disso, Deus indiretamente glorifica a Sua graça nos vasos de misericórdia. Os santos no céu contemplarão os tormentos dos condenados: "*A fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre*" - Ap 14:11. "*Sairão e verão os cadáveres dos que se rebelaram contra mim; o seu verme não morrerá, e o seu fogo não se apagará, e causarão repugnância a toda a humanidade*" - Is 66:24. E em Apocalipse 14:10 é dito, que eles serão atormentados na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro. Logo, eles serão atormentados na presença também dos santos glorificados.

Por meio disto os santos serão mais conscientizados de quão grande é a sua salvação. Quando eles verem quão grande é o tormento do qual Deus os salvou, e quão grande diferença há entre o seu estado e o estado dos outros, os quais não eram por natureza - e, talvez, por algum tempo na prática - mais pecaminosos e imerecedores do que eles, isto os dará um senso maior das maravilhas da graça de Deus para com eles. Sempre que eles olharem para os condenados, isto os incitará a um senso vivo de admiração pela graça de Deus, em tê-los dado tal graça para os diferenciar. O apóstolo nos diz que esta é uma das finalidades da condenação dos ímpios: "*E se Deus, querendo mostrar a Sua ira e tornar conhecido o Seu poder, suportou com grande paciência os vasos de Sua ira, preparados para destruição? Que dizer, se Ele fez isto para tornar conhecidas as riquezas de Sua glória aos vasos de Sua misericórdia, que preparou de antemão para glória?*" - Rm 9:22-23. A visão do tormento dos condenados fará dobrar o ardor do amor e da gratidão dos santos no céu.

Quarto, a visão dos tormentos do inferno exaltará a felicidade dos santos eternamente. Eles não somente estarão mais conscientes da grandeza e da gratuidade da graça de Deus em sua felicidade, mas isso realmente aumentará a felicidade deles, uma vez que os fará mais cientes de sua própria felicidade. Isto os dará um deleite mais vívido do mesmo: os fará atribuir grande valor à felicidade. Quando eles verem outros, que tinham a mesma natureza e nasceram sob as mesmas circunstâncias que eles, mergulhados em tal tormento, e em uma posição tão distinta, oh, isso os conscientizará de quão felizes eles são. Um senso do tormento de outro, em todos os casos, aumenta grandemente o deleite de qualquer alegria ou prazer.

A visão do poder maravilhoso, da grande e temível majestade, e da terrível justiça e santidade de Deus, manifestos no castigo eterno dos ímpios, os fará apreciar o Seu favor e amá-Lo muito mais. E, eles serão muito mais felizes na satisfação do mesmo.

Aplicação Prática

1. A partir do que foi dito, podemos aprender a insensatez e a loucura da maior parte da humanidade, em que, por causa da atual satisfação momentânea, correm o risco de sofrerem todos esses tormentos eternos. Eles preferem um pequeno prazer, ou um pouco de riqueza, ou um pouco de honra e grandeza terrena - os quais duram apenas por um momento - à uma fuga desta punição. Se é verdade que os tormentos do inferno são eternos, do que valeria ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou o que dará o homem em troca da sua alma? O que existe neste mundo, que não seja tão frívolo e passageiro quanto a vaidade, em comparação com essas coisas eternas? (cf. *Mc 8:36-37; Sl 62:9*).

Quão loucos são os homens, que tantas vezes ouvem essas coisas e fingem acreditar nelas; os quais vivem apenas um pouco de tempo - alguns anos -; que nem ao menos esperam viver aqui mais do que outros de sua espécie normalmente vivem; e que mesmo assim estão desatentos sobre o que será deles no outro mundo, onde não há mudança nem fim!

Quão loucos são eles, quando ouvem que se permanecerem no pecado eles serão eternamente miseráveis - que não são movidos por isso, mas ouvem com tanta descuido e frieza, como se não estivessem de jeito nenhum preocupados com o assunto - quando não reconhecem, senão que este pode ser o seu caso, e que eles podem sofrer esses tormentos antes que uma semana chegue ao fim!

Como pode os homens serem tão descuidados sobre tão importante assunto como a sua própria destruição e tormento eterno?

Que estranha insensibilidade sem sentido possuem os corações dos homens!

Que coisa comum é esta, ver homens, que são avisados de domingo a domingo do tormento eterno, e que são tão mortais quanto outros homens, serem tão descuidados quanto a isso que eles não aparentam, de forma alguma, restringidos de qualquer coisa que suas almas cobicem! O cuidado deles em escapar do tormento eterno, não é nem a metade do cuidado que eles têm com coisas como obter dinheiro e posses, ser notável no mundo e gratificar sua inteligência. Seus pensamentos são muito mais exercitados nessas coisas, e eles têm muito mais cuidado e preocupação com elas. Embora eles sejam diariamente expostos ao tormento eterno, este é algo negligenciado. O tormento eterno é só ocasionalmente considerado, e considerado com uma grande quantidade de estupidez, e não com

uma preocupação suficiente para levá-los a fazer algo considerável para escapar dele. Eles não estão cientes de que vale a pena, durante sua vida, fazer todos os esforços consideráveis para isso. E se eles, de fato, se esforçam por um pouco de tempo, logo deixam de lado, e outra coisa ocupa seus pensamentos e preocupações.

Assim se vê entre jovens e velhos. Multidões de jovens levam uma vida descuidada, tendo pouca preocupação por sua salvação. Assim, você pode ver entre as pessoas de meia-idade, com muitos que já são mais velhos, e que certamente se aproximam da sepultura. No entanto, essas mesmas pessoas parecem reconhecer que a maior parte dos homens que vão para o inferno e sofrem o tormento eterno não têm nenhuma preocupação com isso. No entanto, eles farão o mesmo!

Quão estranho é que os homens se divertem e repousam, enquanto estão, desta maneira, suspensos sobre as chamas eternas: ao mesmo tempo, não tendo nenhuma posse de suas vidas e não sabendo quão logo o fio, em que estão suspensos, vai arrebentar. Aliás, eles nem fingem saber. E se o fio arrebentar, eles se foram: eles estão perdidos para sempre, e não há solução! No entanto, eles não se incomodam muito com isso, nem darão ouvidos àqueles que os alertam, rogando-lhes que cuidem de si mesmos e trabalhem para sair dessa condição perigosa. Eles não estão dispostos a fazer tanto esforço. Eles não escolhem se desviar de entreter a si mesmos com brinquedos e vaidades. Portanto, o homem sábio pode muito bem dizer: "*O coração dos homens, além do mais, está cheio de maldade e de loucura durante toda a vida; e por fim eles se juntarão aos mortos*" - *Ec 9:3*. Quão mais sábios são aqueles poucos, que fazem disto o seu maior interesse a fim de estabelecer uma base para a eternidade, a fim de garantirem a sua salvação!

2. Irei aprimorar este assunto dando uma exortação aos pecadores, para tomarem cuidado de escapar destes tormentos eternos. Se eles forem eternos, alguém poderia pensar que seria suficiente despertar o interesse e incitar a diligência. Se o castigo for eterno, ele é infinito, como alegamos anteriormente. E portanto, nenhum outro mal, nenhuma morte, nenhum tormento temporário que você já tenha ouvido falar, ou que você pode conceber, é nada em comparação com este castigo; mas ele é muito menos concebível - não apenas como um grão de areia é menor do que todo o universo, mas como ele é menor que o espaço ilimitado que engloba o universo. Portanto, aqui:

Primeiro, suplicarei a considerarem atentamente quão grande e terrível é a eternidade. Embora não seja possível compreendê-la mais através da consideração, ainda assim você pode se tornar mais consciente de que a eternidade não deve ser desconsiderada. Considere o que é sofrer extremo tormento para todo o sempre: sofrer dia e noite de um ano a outro, de uma era à outra, e de mil eras à outra (e assim acrescentando era à era, e milhares aos milhares), na dor, no choro e no

lamento, gemendo e gritando, e rangendo os dentes - com as suas almas cheias de terrível agonia e espanto, e com os seus corpos e cada membro, cheios de exorbitante tortura - sem qualquer possibilidade de obter conforto; sem qualquer possibilidade de fazer Deus se compadecer por meio de seus gritos; sem qualquer possibilidade de esconder-se d'Ele; sem qualquer possibilidade de desviar seus pensamentos de sua dor; sem qualquer possibilidade de obter qualquer tipo de alívio, ajuda ou mudança para melhor.

Segundo, considere quão terrível será o desespero em tal tormento. Quão triste será, quando você estiver sob estes excessivos tormentos, ter a certeza que você nunca, nunca ficará livre deles. Não haveria nenhuma esperança: embora você desejasse ser transformado em nada, você não teria nenhuma esperança disso; embora você desejasse ser transformado em um sapo ou uma serpente, você não teria nenhuma esperança disso; embora você se alegrasse se pudesse ter algum alívio, depois de ter sofrido esses tormentos milhões de eras, você não teria nenhuma esperança disso. Depois de ter acabado a era do sol, da lua e das estrelas, em seus dolorosos gemidos e lamentações, sem descanso nem de dia nem de noite, nem sequer um minuto de alívio, ainda assim você não teria nenhuma esperança de um dia ser liberto. Depois de ter se passado mais de mil eras semelhantes, você não teria nenhuma esperança, mas você saberia que não estaria nem um pouco mais perto do fim de seu tormento. Mas ainda haveria os mesmos gemidos, os mesmos gritos, os mesmos lamentos, incessantemente vindos de você, e que a fumaça do seu tormento continuaria a subir para todo o sempre. A sua alma, a qual estaria sendo afligida pela ira de Deus todo esse tempo, ainda existiria para suportar mais ira. O seu corpo, que estaria sendo queimado todo esse tempo nestas chamas ardentes, não seria consumido, mas permaneceria para ser queimado por toda a eternidade, que não seria, de maneira alguma, reduzida pelo que aconteceu no passado.

Você pode através da consideração se tornar mais consciente do que normalmente você é. Mas você apenas pode conceber um pouquinho do que é não ter nenhuma esperança em tais tormentos. Quão avassalador isso seria para você, suportar tamanha dor - assim como você tem sentido neste mundo - sem qualquer esperança e saber que você nunca ficará livre dela, nem sequer terá um minuto de descanso! Neste momento, você apenas consegue, de forma bem escassa, conceber quão doloroso isso seria. Quão maior será suportar o grande peso da ira de Deus, sem esperança!

Quanto mais os condenados no inferno pensarem na eternidade de seus tormentos, mais assombroso estes parecerão a eles. E ai deles, pois não serão capazes de manter a eternidade fora de sua mente! Sua tortura não os desviará de pensarem nela, mas fixarão sua atenção nela.

Oh, quão terrível a eternidade parecerá para eles depois de terem pensado sobre ela

por eras e mais eras, e já tendo experimentado por tanto tempo seus tormentos!

Os condenados no inferno terão dois infinitos para perpetuamente assombrá-los e consumi-los: um é o Deus infinito, cuja ira eles suportarão, e em quem eles verão o seu perfeito inimigo irreconciliável; e o outro é a infinita duração dos seus tormentos.

Se fosse possível aos condenados no inferno terem um conhecimento abrangente da eternidade, sua tristeza e dor teriam um grau infinito. A visão abrangente de tanta tristeza, a qual eles irão suportar, causaria uma tristeza infinita no presente. Embora eles não terão um conhecimento abrangente do mesmo, ainda assim, sem dúvida, eles terão uma apreensão muito mais viva e forte do que podemos ter neste mundo. Seus tormentos irão dar-lhes uma impressão dela. Um homem em seu estado atual, sem qualquer ampliação de sua capacidade, teria uma impressão muito mais viva da eternidade do que ele tem, se ele apenas estivesse sob uma dor bem forte em algum membro de seu corpo, e tivesse ao mesmo tempo certeza de que ele suportaria essa dor para sempre. Sua dor lhe daria um maior senso da eternidade do que os outros homens têm.

Quão maior efeito terá aqueles excruciantes tormentos, que o condenado há de sofrer!

Além de provavelmente a capacidade deles ser aumentada, seu entendimento será mais rápido e mais forte no estado futuro, e Deus poderá lhes dar um senso tão grande e uma impressão tão forte da eternidade, quanto Lhe aprover, a fim de aumentar a sua dor e tormento.

Oh, eu lhes imploro, vocês os que estão em um estado sem Cristo e estão indo a caminho do inferno, que estão diariamente expostos a condenação, considerem estas coisas. Se você não fizer isso, certamente isso será um pouco antes de você experimentá-los, e então você saberá quão terrível é se desesperar no inferno. E isso pode acontecer antes deste ano, ou deste mês, ou desta semana, ou estar por um fio: antes de outro sábado, ou até mesmo, talvez você jamais tenha oportunidade de ouvir outro sermão.

Terceiro, que você efetivamente escape esses terríveis e pavorosos tormentos. Eu lhes suplico, fujam e abracem Aquele que veio ao mundo justamente com o propósito de salvar os pecadores destes tormentos; que pagou toda a dívida para com a lei divina, e eliminou o eterno em Seus sofrimentos temporais.

Que grande incentivo é este, para aqueles de vocês que estão conscientes de que estão expostos ao castigo eterno, que há um Salvador, que é capaz e que livremente se oferece para salvá-los daquele castigo, e que o faz de uma forma que é perfeitamente consistente com a glória de Deus: sim, o que glorifica mais a Deus do

que seria se você sofresse o castigo eterno no inferno. Pois, se você fosse sofrer aquele castigo, você nunca pagaria a totalidade da dívida. Aqueles que são enviados para o inferno nunca pagarão a totalidade da dívida que devem a Deus, nem sequer uma fração, a qual não se compara com o todo. Eles nunca pagarão uma fração que se compare a grande proporção do todo, como um centavo de dez mil talentos. Portanto, a justiça jamais pode ser efetivamente satisfeita em sua condenação. Mas é efetivamente satisfeita em Cristo. Pois Ele é aceito pelo Pai, e por consequência, todos os que creem são aceitos e justificados n'Ele.

Portanto, creia n'Ele, venha a Ele, confie a sua alma a Ele para que seja salvo por Ele. Nele, você estará seguro dos eternos tormentos do inferno. E isso não é tudo, mas através d'Ele você herdará inconcebível bem-aventurança e glória, que terão a mesma duração que os tormentos do inferno. Pois, assim como no último dia os ímpios irão para o castigo eterno, assim o justo, ou aqueles que confiam em Cristo, irão para a vida eterna.



A Fireland é um ministério que visa glorificar a Deus e aplicar a Escritura a todas as áreas da vida. Nosso propósito é anunciar a verdade revelada do Único Deus Soberano entre todos os povos.

Após um tempo servindo na Europa como missionários, estamos novamente no Brasil, onde damos continuidade a alguns projetos. Entre estes está um projeto de tradução de material teológico de qualidade para a instrução do povo do pacto.

Nossa oração é que esta obra edifique sua vida, e incentivamos você a compartilhá-la com outros irmãos em Cristo Jesus. Considere contribuir com este ministério através de suas orações e ofertas.

"Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças. E ouvi toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: 'Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre'" - Ap 5 v12, 13.

Para conhecer melhor este ministério e para acessar outros materiais, visite:

www.FirelandMissions.com